

A pressão do PMDB. Qual PMDB vai predominar?

08/11 12h40

O PMDB é uma federação. Uma franquía política dividida em vários nichos regionais. Desde a morte de Ulisses Guimarães, em 1992, navega conduzido por líderes menores que não conseguem dar sentido nem consistência às atividades do partido. De lá para cá, dividido em feudos, atua como coadjuvante nas decisões da política nacional. Sempre objeto de barganhas políticas e negociações que, algumas vezes, beiram o escândalo.

Considerando sua atual configuração, dificilmente haverá um presidente da República que consiga obter 100% do apoio do partido. Para o bem e para o mal. A não ser que entregue o governo aos muitos chefes do partido, espécie de Afeganistão político enredado em disputas tribais.

Mesmo dividido, a permanência do PMDB é fundamental para Lula. O apoio numérico do governo na Câmara é de 380 deputados e no Senado de 47 parlamentares. Sem o PMDB, cairia para 304 e 24, respectivamente. Na Câmara, esse número seria insuficiente para aprovar emendas constitucionais e no Senado o quadro ficaria ainda pior: os partidos da base não teriam número para aprovar sequer projeto de lei ordinária.

Na semana passada, governadores como Germano Rigotto (Rio Grande do Sul) e Rosinha Matheus (Rio de Janeiro) defenderam que o partido devolva os cargos que detém da administração Lula e adote uma posição de independência em relação ao Planalto. O presidente da legenda, Michel Temer, concorda com a tese. Especula-se em Brasília que mais de 40 parlamentares pedem o rompimento.

No mesmo dia, o líder do PMDB na Câmara, José Borba, disse que o PMDB ficaria se ganhasse o Ministério da Defesa. O ministro das Comunicações, Eunício Oliveira, também saiu em defesa da manutenção do alinhamento governista. Ou seja, cada um puxa a sardinha para o seu lado.

A contradição reflete exatamente o que se passa no PMDB, onde existem três correntes: 1) aqueles que defendem a permanência do partido na base do governo; 2) aqueles que defendem uma linha de independência; e 3) aqueles que querem ir para a oposição. Esta última parcela é minoritária. Hoje, a vontade predominante é que o partido continue do lado do Palácio do Planalto.

O custo político da permanência na base será alto. E o governo parece estar disposto a pagá-lo. O ministro da Coordenação Política, Aldo Rebelo, anunciou na semana passada que o presidente está inclinado a promover uma

aproximação maior do PMDB.

Se não o fizer, poderá comprometer a governabilidade e, conseqüentemente, pagar um preço ainda maior. Além de perder os votos da legenda, poderia jogar o PMDB no colo do PSDB e do PFL, fortalecidos na corrida sucessória pelas eleições municipais.

Se decidir continuar na base de apoio a Lula, o mais provável é que a dissidência interna aumente, estimulando aqueles que defendem uma posição de independência. Se nas últimas votações o apoio médio do partido ao governo esteve entre 75% e 85%, esse número pode ser reduzido para algo entre 60% e 70%. Especialmente se o governo prosseguir agindo de forma tão incompetente na esfera política.

Copyright 2003 Brasil em Tempo Real
<http://www.emtemporeal.com.br/>